

REFLEXÕES SOBRE O CENTRO HISTÓRICO DO RIO DE JANEIRO: UMA ABORDAGEM FILOSÓFICA DA CIDADE CONTEMPORÂNEA¹

ALCANTARA, Denise de
Arquiteta, Doutoranda PROARQ-FAU-UFRJ
deal.rlk@terra.com.br

Resumo

Este artigo busca lançar um olhar filosófico-fenomenológico sobre a cidade contemporânea, problematizando as relações entre o tecido urbano, os objetos arquitetônicos que a configuram e entre os atores que a tornam um sistema vivo, diversificado, plural, complexo e mutante. Fundamentado nos conceitos de *rizoma*, *nomadologia* e *espaço liso-espaço estriado*, definidos por Gilles Deleuze e Felix Guattari em seus mil platôs, nosso instrumento de reflexão também encontra uma sólida base em Ignasi de Solá-Morales, que propõe cinco conceitos para análise da realidade metropolitana contemporânea, dentre os quais utilizamos o conceito *mutações* e *fluxos*. O objeto de estudo se configura pela área de abrangência do *Corredor Cultural* - projeto de preservação, revitalização e renovação da área central histórica do Rio de Janeiro, implementado nos anos 1980 pelo poder público com participação da classe artística e intelectual, da comunidade e da iniciativa privada. O pensamento filosófico contemporâneo nos induz a traçar paralelos ao olharmos não apenas a cidade como um processo rizomático – tanto a partir de sua evolução histórico-morfológica quanto das intervenções e alterações que se impuseram e se sucederam – mas também o processo, a sistematização e principalmente os rebatimentos oriundos a partir da implementação do projeto que vêm se disseminando e contaminando outros lugares urbanos.

INTRODUÇÃO

A compreensão do fenômeno metropolitano contemporâneo tem se apoiado na incorporação de "ingredientes" ou conceitos que se tornaram referências especialmente a partir do período em que se intensificaram as críticas e tentativas de revisão do Movimento Moderno e seu discurso teórico unitário e dogmático. Conceitos interdisciplinares extraídos da fenomenologia, da antropologia urbana, da etnografia e da filosofia, entre outras disciplinas afins, se tornaram complementares na análise sobre a cidade e sua arquitetura. Este artigo busca incorporar um viés filosófico-fenomenológico ao olhar arquitetônico sobre a cidade contemporânea, problematizando as relações entre o tecido urbano, os objetos arquitetônicos que a configuram e os atores que a tornam um organismo vivo, diversificado, plural, complexo e dinâmico.

O objeto de estudo se configura pela área de abrangência do *Corredor Cultural* – projeto de preservação, revitalização e renovação da área central histórica do Rio de Janeiro, implementado nos anos 1980 pelo poder público municipal com participação das classes artística e intelectual, da comunidade e da iniciativa privada.

Para procedermos à reflexão sobre a cidade contemporânea à luz da filosofia, tomamos de empréstimo o complexo conceito de *rizoma* ou *cidade rizomática*, definido pelos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari em seus *Mil Platôs*¹. Esta reflexão também se inspira em Ignasi de Solá-Morales e em alguns dos conceitos por ele propostos para análise da realidade metropolitana contemporânea sob a forma de transformação – *mutações* – e de moção – *fluxos*².

O pensamento filosófico contemporâneo proposto por Deleuze e Guattari nos induz a olhar esta parte central da cidade como um processo *rizomático*. *Rizoma* que tanto pode ter sido gerado a partir de sua evolução histórico-morfológica e das intervenções e alterações que se impuseram e se sucederam, quanto a partir do processo de implementação do projeto, de sua sistematização e de seus rebatimentos e influências ao se disseminar e "contaminar" positivamente outros lugares urbanos.

¹ Publicado nos Anais no II Seminário Arquitetura e Conceito (cd-rom) – Belo Horizonte: UFMG-NPGAU, 2005



Figura 1 – Perfil do Centro do Rio a partir da Baía de Guanabara (foto da autora)

Temos consciência de que o ambiente urbano precisa ser conhecido e analisado sob vários ângulos e sob vários olhares diferenciados e complementares, desde sua evolução histórica e morfológica, os aspectos quantitativos – objetivos, estatísticos e físicos – e os aspectos qualitativos – subjetivos, culturais – relativos à fenomenologia³.

Metodologicamente, a proposta deste estudo pretende que o olhar do pesquisador se transforme no principal instrumento de análise. A interação indissociável e recíproca mente-corpo-meio deve ser o principal instrumento de reflexão ou, melhor dizendo, a principal atitude reflexiva. Este olhar será peça chave e fundamental da *observação incorporada* – no sentido da *cognição atuacionista* ou *experiential*⁴ – sobre o lugar fenomenológico e na explicação da experiência apreendida e vivenciada da cidade. Pretendemos lançar o olhar por vários ângulos, com múltiplos focos e permitindo que a emoção e o sentimento estejam incorporados às sensações, como nunca deixam de estar. Esse olhar deve ser atento e amplamente consciente, e deverá trabalhar em uníssono com as demais capacidades sensório motoras e com a bagagem histórico-cultural que nos acompanha.

Assim, com a contribuição daqueles conceitos e através do olhar a um só tempo desprendido e atento sobre a cidade heterogênea e fragmentada, poderá ser possível enriquecer nosso olhar, tendo consciência das limitações e dos inúmeros questionamentos que poderão emergir a cada passo dado e a cada movimento realizado.

Aspectos relacionados com cultura e vida, com idéias e pensamentos e com valores humanos, poderão ser incorporados na tentativa de ampliar e enriquecer a abordagem filosófica deleuze-guattariana e a aplicabilidade de seus conceitos na apreensão da realidade e de alguns significados do fenômeno urbano atual.

O CENTRO DO RIO EM CONSTANTE TRANSFORMAÇÃO

Objeto de reflexão deste estudo, a área central histórica do Rio de Janeiro – conhecida como *Corredor Cultural* – configura uma espécie de espaço fragmentário remanescente da história da cidade. Capital do Império e da República até 1960, quando foi transferida para Brasília, a cidade mantém sua identidade-Estado⁵, ainda que não seja reconhecida hoje como tal.

O centro histórico, cujos edifícios e casario antigo contam silenciosamente a história da cidade, a partir de sua tipologia e de suas linhas coloniais, neo-clássicas ou ecléticas, que representam momentos de sua evolução urbana. Estes edifícios, seja em grupos ou isolados, assumem, peremptoriamente, sua permanência e longevidade em meio à uma nova ordem construída sobre o terreno movediço da contemporaneidade.

Ao longo do século XX, especialmente nas primeiras décadas, inúmeras intervenções urbanas ocorreram na área central do Rio de Janeiro⁶ que, aos poucos, foram alterando a antiga cidade de características coloniais. À mercê das variações oscilantes dos mercados e das flutuações políticas inerentes à evolução da polis, e para trazer à cidade a modernidade inspirada nas transformações *haussmanianas* realizadas em Paris, novas vias foram abertas, morros foram arrasados e a baía parcial e progressivamente aterrada, de modo a abrir novos espaços na cidade cercada por mar e montanhas. A busca de novas direções de expansão intra-urbana pela burguesia determinou vultosos investimentos para que tantas e tão radicais alterações ocorressem na paisagem urbana ao longo do século XX.⁷

Na segunda metade do século se intensificou o processo de verticalização, que correspondia à lógica modernista do estilo internacional. Altas torres envidraçadas e edifícios modernistas foram ocupando os

vazios deixados pelos arrasamentos dos morros da cidade – ainda não ocupados pelas primeiras edificações em altura definidas pelo Plano Agache – ou tomaram o lugar do casario e edifícios antigos e "decadentes" que não mais atendiam ao funcionalismo⁸ preconizado pelo movimento moderno. O discurso funcionalista e o interesse capitalista embasado na padronização, universalização e vocação determinista teve seu auge no Brasil com a fundação de Brasília em 1960 e permaneceu até o final da década de 1970.

O fenômeno mundial de questionamento da eficácia dos preceitos modernistas e o surgimento das primeiras críticas ao ideário modernista tomaram vulto e, a partir da década de 1960, diversas e heterogêneas teorias surgiram na Europa e EUA tendo como ponto comum a busca de sua fundamentação na cidade existente e na cidade tradicional. A cidade passou a ser pensada, não apenas de forma determinista, técnica e quantitativa, mas a partir de sua história, de sua memória, de sua natureza imagética, cultural, material e imaterial, de seus marcos simbólicos, de sua morfologia, suas tipologias edilícias, enfim, de suas complexidades⁹. O edifício deixa de ter sentido como objeto isolado e o entorno passa a ter um caráter teórico. Através da relação entre o objeto arquitetônico e o tecido da cidade, o fato urbano pode ser explicado pela sua identidade, pela sua arquitetura.

Neste sentido, as contribuições teóricas fundamentadas nas noções de *pré-existências ambientais*¹⁰ de Ernesto N. Rogers e de *presença construída*¹¹ de Giuseppe Samona e de *memória e tradição* de Aldo Rossi¹², podem ser consideradas correlatas entre si e têm um sentido análogo à idéia de *permanência*, cuja importância se encontra nas referências à individualidade e à singularidade de cada fato urbano concreto, pois "naquilo que permanece se revela a presença do passado... que não somente trata do passado, mas também da presença real destes fatos urbanos nos quais cristaliza o conteúdo transmitido"¹³.

Após este período, em que a turbulência pós-moderna emitia os primeiros sinais da exaustão do modernismo, o Brasil continuou ainda envolvido no seu discurso absolutista e pragmático – muito em função do momento político ditatorial vivido na década de 70. Este quadro começou a mudar com a abertura política e com novos ideais e propostas surgindo no âmbito da cidade e na revitalização de seu patrimônio edificado e de seus espaços públicos, aparentemente inspirados nas teorias sobre a indissociabilidade entre a cidade e a arquitetura mencionadas acima.

Assim, no início dos anos 80, foi concebido o primeiro projeto de revitalização para o centro histórico do Rio de Janeiro, o Projeto Corredor Cultural¹⁴. Coordenada pelo arquiteto Augusto Ivan de Freitas Pinheiro, com incentivo do então prefeito, Israel Klabin, se constituiu uma câmara técnica formada por diversas personalidades e intelectuais com influência na área cultural e política. De forma pioneira e integrada, o projeto considerava não apenas a preservação do patrimônio histórico e cultural, mas também a recuperação e a renovação de bens arquitetônicos e urbanísticos conjuntamente com a sua revitalização social e econômica.



Figura 2 – Mapa isométrico com os diferentes trechos da área de abrangência do Corredor Cultural: 1) SAARA/Praça da República; 2) Largo S. Francisco/Uruguaiana; 3) Praça XV; 4) Lapa/Cinelândia

Quatro subáreas distintas e fragmentárias foram delimitadas como área de abrangência do Projeto. Pela própria história e tradição funcional desses "fragmentos urbanos", estes trechos que se interconectam através de corredores de circulação, possuem características bem diferenciadas, porém complementares. Estudos realizados pela equipe técnica do Corredor Cultural sugerem que estas subáreas podem ser divididas por sua ocupação histórica representando sucessivos períodos político-administrativos¹⁵ desde o Brasil colonial – representado pela área da Praça XV e arredores – o Brasil monárquico – área da SAARA¹⁶ – até o Brasil República – áreas da Lapa e Cinelândia (Figura 2).

Em processo contínuo de preservação e revitalização graças às ações conjuntas do poder público, da iniciativa privada e da população – a partir da criação e implementação do Projeto Corredor Cultural –, tais conjuntos urbanos e bens arquitetônicos e culturais protegidos ou tombados hoje não se apresentam, entretanto, como objetos isolados nem congelados em seu tempo ou como raridades expostas em um museu a céu aberto. Entremeados por objetos do presente, olham como Janus¹⁷, concomitantemente o passado e o futuro (Fig. 3).



Figura 3 – Representação de Janus, deus da mitologia greco-romana.

Tais objetos arquitetônicos fazem parte e se encontram paradoxalmente entrelaçados ao coração administrativo-financeiro da cidade do Rio de Janeiro, por sua vez configurado por altas torres e arranha-céus modernos, cuja tipologia, forma, volume e escala contrastam com estas reminiscências de outras épocas. A verticalização maciça do centro – necessária dinamização da história do lugar durante as décadas de 1970 e 1980 – transformou a fisionomia da cidade sob a égide do IPHAN¹⁸, que não estava alheio à memória remanescente, pois "...a cidade-patrimônio é produto cultural sob constante metamorfose, o que inexoravelmente, inclui a arquitetura e os significados a ela impostos na história das idéias"¹⁹. (Figuras 4 e 5)

O Projeto Corredor Cultural buscou a conciliação de modelos histórico-arquitetônicos com viabilidades econômicas e construtivas, considerando quatro aspectos fundamentais na re-qualificação urbana: a história, a memória, a preservação, e a participação comunitária, além de favorecer a ocupação de áreas livres com novas construções que promovessem uma releitura das edificações históricas com uma linguagem contemporânea.



Figuras 4 e 5 – Contrastes entre o centro histórico e o coração financeiro da cidade

Neste processo interativo, gerido e implementado por entidades institucionais, sociais e políticas, com a colaboração de instituições privadas, diversos atores atuaram e participaram ativamente ao longo das últimas décadas:

- o *poder público executivo municipal* – conscientizado da importância da revitalização cultural do centro;
- o *poder legislativo* – criando ou alterando regras urbanísticas e traçados permissivos vigentes antes da implementação do projeto, no sentido de proteger o patrimônio e estimular novos usos e ocupações e estabelecendo isenções fiscais para estimular a recuperação dos imóveis;
- os *técnicos da prefeitura* – percebendo e interagindo com o ambiente e a população; aprendendo e desenvolvendo na prática os métodos de trabalho; reinventando e ajustando os instrumentos e procedimentos à medida da necessidade – numa alusão à *reflexão-na-ação*²⁰ proposta por Donald Schön; e finalmente, mas não menos importante, se envolvendo e se emocionando com o desenrolar e os êxitos do processo;
- os *moradores e comerciantes locais* – recuperando e reformando seus imóveis e conseqüentemente resgatando sua própria memória e histórias de vida ao se depararem com os "descobrimientos" das fachadas, muitas antes escondidas atrás de gigantescos painéis publicitários ou marquises sobrepostas às fachadas.



Figura 6 – Recuperação de edifício nas imediações do Passeio Público com placa com a inscrição "em apoio ao Corredor Cultural" indicando sua recente atuação – Foto tirada em janeiro de 2005

O suporte teórico para a reflexão sobre este processo que envolve tão diferenciados atores atuando em um ambiente complexo e mutável – tal como um sistema vivo – provêm das ciências cognitivas. Neste sentido, podemos encontrar algumas respostas na abordagem *enactiva* ou *atuacionista* da cognição proposta por Varela et al²¹, na qual os autores sustentam que é a partir do exercício concreto, localizado, enraizado, do cotidiano que vamos nos produzindo e produzindo nosso mundo.

Esta idéia de produção do sujeito e do mundo aproxima paradoxalmente a proposta fenomenológica de Varela de autores - como Deleuze e Guattari – cuja essência é, entretanto, mais maquínica e mais afastada do humano. Para estes autores a subjetividade do mundo não é dada de antemão; ela é um efeito de produção, considerando que o mundo é produzido cotidianamente por meio de nossas ações e de nossas experiências. Não nos caberia pensar em um sujeito que é pré-concebido, mas em um sujeito que é produzido, ou ainda pensar em alguma coisa que se produz na relação com os objetos e com o mundo.

REINTERPRETANDO A CIDADE SOB A ÓTICA DELEUZE-GUATTARIANA

Ousamos exercitar uma re-interpretação da cidade contemporânea sob uma ótica diferenciada da fenomenologia, ampliando e multiplicando o foco de abrangência e obscurecendo – ou melhor, dispondo sob um véu – a presença do homem na análise. Propomos inicialmente uma analogia com a rede da internet, que está relacionada a alguns princípios do complexo conceito de *rizoma* proposto por Deleuze e Guattari²². A rede da internet é formada, por um lado, de pontos, nós ou cruzamentos e, por outro, por linhas que conectam estes inúmeros pontos. Nesta rede não deveria haver hierarquia, nem dominação de uns pontos sobre outros. Todos deveriam ter a mesma importância ou, ainda, nenhuma importância se considerados de modo unitário, pois se não estiverem conectados, não configuram uma rede²³ (Costa, 2004). O que realmente importa ou faz sentido nesta rede são as conexões, ou seja, as linhas que conectam os pontos. Através dos nós, todos os pontos podem estar conectados nesta rede aberta e dinâmica.

O *rizoma*, assim como a rede, se opõe à estrutura de uma árvore e suas raízes. É um sistema sem centralidade, sem hierarquia e não signifiante. "Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança"²⁴.

Alguns dos princípios básicos do *rizoma* nos induzem a levantar algumas considerações a respeito da cidade contemporânea ora em estudo:

- *Princípios de conexão e heterogeneidade* – "qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo"²⁵. "O rizoma não se deixa reduzir nem ao Uno nem ao múltiplo,... não é feito de unidades, mas de direções, ou antes, de direções movediças"²⁶.
- *Princípio de multiplicidade* – "Não tem começo nem fim, mas sempre um meio, pelo qual ele cresce e transborda. Ele constitui multiplicidades"²⁷. "É somente quando o múltiplo é efetivamente tratado como substantivo, multiplicidade, que ele não tem mais nenhuma relação com o uno como sujeito ou como objeto, como realidade natural ou espiritual, como imagem e mundo"²⁸.

Como visto na seção anterior, o Centro da cidade é múltiplo, plural, diversificado e possui diferenças de atividades, usos e funções que coexistem autônoma e independentemente. Há um contínuo e incessante movimento de pessoas que chegam ou partem, que permanecem ou circulam, que produzem ou apenas vagam. O traçado de suas vias – avenidas, ruas ou travessas – permite os mais variados e inconstantes fluxos, permitem a deriva ou a psicogeografia²⁹. Dos objetos edificados, o antigo convive com o novo, o alto

com o baixo, o moderno com o eclético, lado a lado, sem consenso, sem nexos, amplificando suas dicotomias, enaltecendo suas polifonias.

- *Princípio de ruptura a-significante* – "O rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas"³⁰. Ele pode ser rompido, sem que haja uma mudança estrutural significativa, em qualquer de suas partes. Não haverá perda de unidade, pois não há unidade.

A evolução urbana da área central do Rio de Janeiro nos remete ao princípio de *ruptura a-significante* se considerarmos as transformações urbanas e o número de cortes e rupturas provenientes das grandes obras e intervenções do início do século: arrasamento de morros, aterros sobre a baía e o mar, abertura de grandes avenidas, crescimentos verticais isolados ou maciços. Estes movimentos ou *mutações*³¹ deixaram seqüelas, ou determinaram novos devires?

- *Princípios de cartografia e de decalcomania* – "O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação"³². Não há uma estrutura genealógica ou gerativa. No rizoma se faz o mapa, não o decalque. Sobretudo é múltiplo e não redundante.

Neste sentido, a cidade se reconstituiu, se metamorfoseou, se re-estratificou seguindo sua natureza. O mapa se refez inúmeras vezes, sua cartografia se alterou, suas direções e fluxos foram revertidos em busca de expansão e crescimento. E arrisco afirmar que não houve perda de significado, de identidade, pois não há um único e singular significado na plural metrópole contemporânea, constituída de complexidades e multiplicidades.

Poderíamos também considerar o processo mais recente de preservação e revitalização implementado pelo Corredor Cultural, como um processo rizomático, remetendo ao último princípio do rizoma – o *de cartografia e decalcomania*. O projeto foi implementado, não como um decalque, ou seja como uma repetição ou cópia de algum processo pré-existente, ou como uma idéia "fechada". Cada passo, cada movimento se fez conforme a necessidade a ser solucionada. O caminho se fez conforme o caminhar³³. Aprendendo com os êxitos e com as falhas, testando e experimentando e, principalmente, refletindo sobre a experiência e refazendo a experiência, os técnicos do projeto puderam realizar muitos dos ideais dualistas ou ainda *múltiplos* como determina o rizoma – preservar, revitalizar e renovar.

Quanto à morfologia urbana também poderíamos pensá-la sob a ótica do *espaço liso-espaço estriado*³⁴, se considerarmos que a cidade *rizomática* – *espaço estriado* com suas irregularidades e aderências – cresceu e se expandiu até alcançar o mar – *espaço liso*, deserto, vazio a ser transposto. Tal como uma ervadanhinha³⁵, a nova cidade cresceu nos entremeios e sobre a cidade antiga e foi se apropriando dos espaços vazios e dos edifícios que podiam ser tomados. Num processo que pode ser considerado *rizomático*, se espalhava onde não havia resistência e estancava à medida que o ímpeto especulativo-imobiliário cessava. Edifícios antigos e históricos, em grupo ou isolados, permaneceram estáticos, enquanto o coração da cidade crescia num padrão errático, fragmentado, desconstruindo, verticalizando e renovando partes do tecido urbano. Ainda assim, vários trechos e conjuntos urbanos históricos resistiram – muitos quase incólumes, ao ímpeto modernizador que perdurou por quase todo o século XX.

Entendemos ainda que outros processos de mobilidade merecem nossa reflexão sob a ótica deleuze-guattariana, como os fluxos nômades, que mantêm a cidade como um turbilhão de vida e movimento, com suas diversas tribos co-habitando ou co-existindo nos *espaços estriados* (aderentes) da cidade, ou extinguindo-se ao baixar a noite, tornando estes mesmos *espaços lisos*, desabitados. Recentemente, vem ocorrendo um resgate do carnaval de rua, principalmente no centro da cidade, o que demonstra, de certa forma, estes movimentos atípicos de blocos e bandas (fluxos nômades), e conseqüentemente camelôs e ambulantes, que percorrem vias ou permanecem em determinados lugares, ocupando os espaços da cidade (*espaços lisos*) temporariamente.

Conforme Ignasi de Solá-Morales "a noção de espaço-tempo tomada da física *einsteiniana* e utilizada pelas vanguardas arquitetônicas dos anos 1920-1940 se tornou reducionista e insuficiente para explicar a noção de movimento de fluxos dos últimos anos"³⁶. Para o autor, a arquitetura e o desenho urbano devem ser receptores dos mais diversos tipos de intercâmbios através de redes de *fluxos* de distribuição para a mobilidade e o trânsito não apenas de objetos físicos (automóveis, aviões, trens etc.) ou pessoas, mas de dados e de informações (*cyberespaço*).

Neste sentido, com base em imagens aerofotogramétricas no centro do Rio e na *observação incorporada*³⁷ realizada recentemente em diversas partes da área deste estudo, tornam-se perceptíveis duas questões objetivas, porém paradoxais: apesar da existência de diversas redes físicas operantes no centro –

aeroporto, estação de barcas, metrô, terminais de ônibus –, estas não são inter-modais, ou seja, não se interconectam. Além disto, observamos um excesso de oferta de linhas de ônibus urbanos, vans e táxis que cruzam as principais avenidas, congestionando-as, mas que permitem sua ligação aos mais distantes e diferenciados pontos da cidade. Não visualizamos, aqui, o princípio de conectividade inerente ao rizoma.

Entretanto, em se tratando da rede de informações, ao considerarmos como máquinas sociais/coletivas o telefone, a televisão e o computador – este último incorpora os dois primeiros³⁸ – como *ferramentas* ou como *armas de guerra* conforme proposto por Deleuze e Guattari³⁹, percebemos que de certa forma, todos os pontos da cidade estão ligados através de uma grande rede virtual tecnológica. E, ousamos afirmar, esta grande rede sócio-técnica é formada por pensamentos e valores humanos, pois a despeito do caráter de intangibilidade do virtual e do valor negativo normalmente a ele atribuído, a subjetividade humana pode ampliar suas potencialidades e o torna múltiplo⁴⁰. Neste sentido, poderia a cidade e seus objetos virtuais materializar uma rede-*rizoma*, que não segue uma ordem ou padrão regulador, que não inicia e nem termina em nenhum ponto específico? Seriam o telefone, a televisão e o computador máquinas de agenciamento de guerras, trabalhos, afetos e paixões de toda ordem, que por fim produzem os não-lugares da supermodernidade⁴¹?

Retomando uma das características básicas do rizoma, as ações e experiências do Projeto Corredor Cultural ao longo de mais de vinte anos vêm influenciando e "contaminando" positivamente áreas próximas, como é o caso da Rua do Lavradio que, sem fazer parte de sua área de abrangência, se tornou o melhor exemplo e resume o espírito do projeto⁴². Neste trecho da cidade, o movimento partiu dos pequenos comerciantes de antiguidades que recuperaram o casario antigo que ocupavam e criaram feiras e atividades culturais na rua para atrair mais público e incrementar o comércio local. Bares e restaurantes passaram a funcionar nos próprios casarões e posteriormente a municipalidade recuperou e re-urbanizou as vias públicas próximas (Figura 7). Um novo lugar urbano estava se criando. Não seria este o exemplo de um processo rizomático?



Figura 7 – Evento cultural - Rua do Lavradio após o processo de revitalização e re-qualificação da área (foto da autora)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pensamento filosófico contemporâneo de Deleuze e Guattari nos auxilia a compreender que a cidade, seu traçado, seus fluxos e sua arquitetura se desenvolvem em um processo *rizomático*, tanto com relação à sua morfologia, quanto com relação às intervenções sobre ela realizadas.

A re-leitura ou re-interpretação da cidade do Rio de Janeiro, através do recorte do seu centro histórico, permite-nos afirmar que a cidade está repleta de pluralidades ou ainda *constitui multiplicidades* conforme um dos princípios básicos do *rizoma*, ou seja, pode ser considerada uma cidade rizomática. Configura, ao mesmo tempo, passado e presente, multiplicidades e fragmentos, objetos antigos e contemporâneos. É rizoma que contamina. Dados concretos não foram gerados – não havia esta intenção a priori – e tantas questões permanecem vagas. Sua consistência reside justamente nas multiplicidades deste solo movido que se nos apresenta a contemporaneidade.

Entretanto estamos refletindo sobre uma cidade real, física, material, na qual o homem vive, trabalha, circula, interage e produz. E que o homem percebe, vivencia, experimenta, reconhece, identifica. Na qual o homem cria o seu *lugar*⁴³. Neste sentido, concordamos com Solá-Morales quando afirma que em nossos dias "a arquitetura segue estando na cidade, forma parte dela e materializa uma parte dos espaços nos quais se desenvolve a vida urbana... hoje mais que nunca, comprovamos que a cidade é muito mais coisas que seus edifícios e suas arquiteturas"⁴⁴.

Entre o rizoma filosófico e o lugar fenomenológico, a ponte *heideggeriana*⁴⁵, é o homem. Sem sua presença, interatividade e subjetividade o fenômeno urbano ou o objeto arquitetônico formal ou contextual inexistem, pois não poderia ser percebido ou processado ou reconhecido, e menos ainda "*cognoscido*",

experenciado e vivenciado. Na inter-relação homem-ambiente-objetos – numa analogia a interação mente-corpo-meio recíproca, mútua e indissociável preconizada pela abordagem atuacionista da cognição – o homem ainda cumpre juntamente com a arquitetura e o cenário urbano, um papel interativo e coadjuvante do esplendor de um mundo vivo e dinâmico. É parte integrante e fundamental no estudo da cidade e atua conjuntamente com a tecnologia e os objetos técnicos. Assim podemos pensá-los não como aquilo que vai duplicar ou simular o funcionamento e a subjetividade humana, mas como aquilo que vai agenciar e produzir nosso mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, M. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. IPLANRIO. Jorge Zahar Ed: Rio de Janeiro, 1987
- BARCELLOS, Paula. A Cidade que Expulsa – Rio de Janeiro: Caderno Idéias e Livros, Jornal do Brasil artigo publicado em 29/01/2005.
- BRANDÃO, Ludmila.. *A Casa Subjetiva*, São Paulo: Perspectiva 2002
- BRONSTEIN, Laís. A Cidade como Artefato. Derivações Urbanas da Crítica ao Movimento Moderno. Artigo apresentado no 7º Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Salvador, Bahia, 2002.
- CANEVACCI, Massimo. *A cidade Polifônica – Ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. São Paulo: Studio Nobel, 1993.
- COSTA, Larissa (coord.). *Redes – Uma introdução às dinâmicas da conectividade e da auto-organização*. Brasília: WWF-Brasil – World Wildlife Foundation, 2004.
- DELEUZE, Gilles e Guattari, Félix. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia - Vol. 1*. São Paulo: Ed. 34, 2004 (1ª edição brasileira: 1995)
- _____. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia – Tratado de Nomadologia: A Máquina de Guerra - Vol. 5*. São Paulo: Ed. 34, 2004 (1ª edição brasileira: 1995)
- GUIMARAENS, Ceça. *Paradoxos Entrelaçados – as torres para o futuro e a tradição nacional*. Rio de Janeiro: UFRJ Ed., 2002.
- JACQUES, Paola Berenstein (org.). *A Apologia da Deriva*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- MATURANA, F.; Varela, F. *A árvore do conhecimento*. Campinas: Editorial Psy II, 1995.
- NESBITT, Kate. *Theorizing a New Agenda for Architecture: An Anthology of Architectural Theory – 1965-1995*. New York: Princeton Archit. Press, 1996.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. *The Phenomenon of Place (1974)*. In: NESBITT, Kate. *Theorizing a New Agenda for Architecture: An Anthology of Architectural Theory – 1965-1995*. New York: Princeton Archit. Press, 1996. p. 412-428.
- _____. *Heidegger's Thinking on Architecture (1983)*. In: NESBITT, Kate. *Theorizing a New Agenda for Architecture: An Anthology of Architectural Theory – 1965-1995*. New York: Princeton Archit. Press, 1996. p. 429-439.
- PEDRO, Rosa Maria Leite Ribeiro. *Reflexões sobre os processos de subjetivação na Sociedade Tecnológica*. In: Machado, J. Trabalho, Economia e Tecnologia: Novas Perspectivas para a Sociedade Global. São paulo: Tendenz, Bauru: Praxis, 2003
- PINHEIRO, Augusto I.de F., Del RIO, Vicente. *Corredor Cultural: Um distrito de preservação no centro do Rio de Janeiro, Brasil*. Traditional Dwellings and Settlements Review, vol. 4 # 2, spring, 1993.
- RIOARTE/IPLANRIO. *Corredor Cultural: Como Recuperar, Reformar ou Construir seu Imóvel*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1985.
- SANZ, Juan Luis de las Rivas. *El Espacio como Lugar – Sobre la naturaleza de la Forma Urbana*. Valladolid: Secretariado de Publicaciones, 1992.
- SHÖN, Donald A. *Educando o Profissional Reflexivo*. Porto Alegre: ArtMed, 2000.
- SISSON, Raquel. Marcos Históricos e Configurações Espaciais, Um Estudo de Casos: Os Centros do Rio de Janeiro. Arquitetura em Revista, 2º Sem./86, pp. 57-81. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1986
- SOLÁ-MORALES, Ignasi. Presentes Y Futuros. La arquitetura en las ciudades. Catálogo da exposição realizada no XIX Congresso da UIA, Barcelona, 1996.
- VARELA, Francisco, Thompson, Evan, Rosch, Eleanor. *A Mente Incorporada – Ciências Cognitivas e Experiência Humana*. Porto Alegre: Artmed, 2003. [editado originalmente em 1991]
- VILLAÇA, Flávio. *Espaço intra-urbano no Brasil*. São Paulo, Nobel, 1998

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar - a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983
ZOURABICHVILI, François. *O Vocabulário Deleuze*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004

¹ DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia - Vol. 1*. São Paulo: Ed. 34, 2004

² SOLÁ-MORALES, I. *Presente Y Futuros. La arquitetura en las ciudades*. Catálogo da exposição realizada no XIX Congresso da UIA, Barcelona, 1996

³ A fenomenologia clássica, derivada de Hegel e Husserl, trata (a) Hegel – da ciência da experiência da consciência e (b) Husserl - da “volta às coisas mesmas” ou aos fenômenos, aquilo que aparece à consciência, que se dá como seu objeto intencional. Neste sentido, a fenomenologia inclui a subjetividade e a cultura, uma vez que é uma forma de pensar, de consciência do observador.

⁴ A expressão cognição experiencial foi cunhada pelo Grupo Projeto e Qualidade do Lugar – PROLUGAR - PROARQ-FAU-UFRJ a partir dos estudos e propostas de Francisco Varela, Thompson e Rosch, que propõem a cognição como ação incorporada e indissociada da experiência humana. VARELA, F., Thompson, E., Rosch, E. *A Mente Incorporada – Ciências Cognitivas e Experiência Humana*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

⁵ Ver BARCELLOS, P. *A Cidade que Expulsa* – Rio de Janeiro: Caderno Idéias e Livros, Jornal do Brasil artigo publicado em 29/01/2005

⁶ Ver ABREU, M. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. IPLANRIO. Jorge Zahar Ed: Rio de Janeiro, 1987.

⁷ VILLAÇA, F.. *Espaço intra-urbano no Brasil*. São Paulo, Nobel, 1998

⁸ No sentido das definições programáticas determinando a forma e o volume do edifício. A supremacia sobre a função veio a ser posteriormente questionado por diversos autores como Aldo Rossi, Robert Venturi e Peter Eisenman NESBITT, K. *Theorizing a New Agenda for Architecture: An Anthology of Architectural Theory – 1965-1995*. New York: Princeton Archit. Press, 1996: 412-428

⁹ BRONSTEIN, L. *A Cidade como Artefato. Derivações Urbanas da Crítica ao Movimento Moderno*. Artigo apresentado no 7º Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Salvador, Bahia, 2002

¹⁰ "O conjunto de elementos naturais e construídos que dão forma a cada lugar e que determinam seu caráter". SANZ, J. *El Espacio como Lugar – Sobre la naturaleza de la Forma Urbana*. Valladolid: Secretariado de Publicaciones, 1992, p.92.

¹¹ "A configuração formal é perceptível como uma unidade de relações entre as partes que a compõem e a vinculam com o espaço circundante". Ibid: 94.

¹² Entendemos memória a partir de sua relação direta com a sociedade e com a história da cidade.

¹³ Sanz, J. *El Espacio como Lugar – Sobre la naturaleza de la Forma Urbana, Ibid.:107*

¹⁴ Ver PINHEIRO, A. I. de F., Del RIO, Vicente. *Corredor Cultural: Um distrito de preservação no centro do Rio de Janeiro, Brasil*. *Traditional Dwellings and Settlements Review*, vol. 4 # 2, spring, 1993 e RIOARTE/IPLANRIO. *Corredor Cultural: Como Recuperar, Reformar ou Construir seu Imóvel*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1985.

¹⁵ ver SISSON, R. *Marcos Históricos e Configurações Espaciais, Um Estudo de Casos: Os Centros do Rio de Janeiro*. *Arquitetura em Revista*, 2º Sem./86, pp. 57-81. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1986

¹⁶ Sigla de Sociedade dos Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega

¹⁷ Deus-mito greco-romano que simboliza a dualidade da natureza e as transformações e é representado com duas faces.

¹⁸ Ceça Guimaraens apresenta em seu livro uma importante compilação do desenvolvimento do centro da cidade no século XX e a atuação em nível federal do IPHAN no que tange ao trinômio preservação-destruição-construção. GUIMARAENS, C. *Paradoxos Entrelaçados – As torres para o futuro e a tradição nacional*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002

¹⁹ Ibid. p.177

²⁰ A reflexão-na-ação distingue-se das outras formas de reflexão por sua significação direta para a ação. É consciente, crítica e gera experimentos imediatos e novas possibilidades de diálogo entre o pensar e o fazer. SHÖN, D. *Educando o Profissional Reflexivo*. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

²¹ A abordagem enactiva da cognição vem quebrar um paradigma consolidado nas ciências cognitivas, no qual a cognição é a representação de um mundo independente daquele que o observa. Ao contrário, o mundo e os fenômenos só podem ser explicados a partir da incorporação da experiência à ciência, ou seja, se não há o homem, suas capacidades sensoriais e sua cognição, o mundo inexistente. VARELA, F., Thompson, E., Rosch, E. *A Mente Incorporada – Ciências Cognitivas e Experiência Humana*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

²² DELEUZE, G. e Guattari, F. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia - Vol. 1*. São Paulo: Ed. 34, 2004

²³ COSTA, L (coord.). *Redes – Uma introdução às dinâmicas da conectividade e da auto-organização*. Brasília: WWF-Brasil – World Wildlife Foundation, 2004 .

²⁴ Ibid: 37

²⁵ Ibid.: 15

²⁶ ZOURABICHVILI, F. *O Vocabulário Deleuze*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004: 97

²⁷ Ibid. p. 97

²⁸ DELEUZE, G. e Guattari, F. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia - Vol. 1*. São Paulo: Ed. 34, 2004: 16

²⁹ JACQUES, P. (org.). *A Apologia da Deriva*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

³⁰ DELEUZE, G. e Guattari, F. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia - Vol. 1*. São Paulo: Ed. 34, 2004:18

-
- ³¹ Entendemos aqui que as intervenções geográficas realizadas no Rio de Janeiro se enquadram no conceito proposto por Solá-Morales como um "processo que traduz mudanças casuais, aleatórias, rupturas nos mecanismos hereditário,... No caso das cidades, este conceito serve para explicar eventos não previstos, catástrofes, guerras, o impacto de novas tecnologias e invenções", SOLÁ-MORALES, Ignasi. Presentes Y Futuros. La arquitetura en las ciudades. Catálogo da exposição realizada no XIX Congresso da UIA, Barcelona, 1996.
- ³² DELEUZE, G. e Guattari, F. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia - Vol. 1*. São Paulo: Ed. 34, 2004: 22
- ³³ Conforme Maturana, F.; Varela, F. *A árvore do conhecimento*. Campinas: Editorial Psy II, 1995
- ³⁴ DELEUZE, G. e Guattari, F.. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia -Vol.5*, 2004
- ³⁵ A menção à erva-daninha não tem conotação necessariamente negativa. Conforme Henry Miller: "A única saída é a erva (...). Ela preenche os vazios. Ela cresce entre, e no meio das outras coisas. (...) a erva é transbordamento, ela é uma lição de moral." DELEUZE, G. e Guattari, F.. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia - Vol. 1*. São Paulo: Ed. 34, 2004:30
- ³⁶ SOLÁ-MORALES, I. Presentes Y Futuros. La arquitetura en las ciudades. Catálogo da exposição realizada no XIX Congresso da UIA, Barcelona, 1996
- ³⁷ Esta é uma atitude, mais que um método, onde o pesquisador interage com o ambiente de forma atenta e consciente, incorporando estímulos e influências, além de percepções e emoções, à sua experiência, para apreender sua realidade e compreender seus significados. Desenvolvido pelo Grupo Projeto e Qualidade do Lugar-ProLugar, do PROARQ-FAU-UFRJ, se baseia no conceito de *cognição atuacionista*. VARELA, F., Thompson, E., Rosch, E. *A Mente Incorporada – Ciências Cognitivas e Experiência Humana*. Porto Alegre: Artmed, 2003
- ³⁸ Conforme BRANDÃO, L. *A Casa Subjetiva*, São Paulo: Perspectiva 2002: 97.
- ³⁹ DELEUZE, G. e Guattari, F.. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia -Vol.5*, 2004
- ⁴⁰ PEDRO, R. Reflexões sobre os processos de subjetivação na Sociedade Tecnológica. In: Machado, J. Trabalho, Economia e Tecnologia: Novas Perspectivas para a Sociedade Global. São paulo: Tendenz, Bauru: Praxis, 2003
- ⁴¹ Augé, Marc. *Não Lugares. Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade*. Campinas: Papyrus, 1994.
- ⁴² Conforme Augusto Ivan de Freitas Pinheiro, principal articulador do projeto, em entrevista à autora em 2003.
- ⁴³ *Lugar* no sentido de base existencial, de orientação e identificação de Norberg-Schulz (1974); lugar no sentido de espaço que adquire significado, da história e da memória de Yi-Fu-Tuan (1983); *lugar* no sentido de *locus* de Aldo Rossi (Sanz, 1992:110).
- ⁴⁴ SOLÁ-MORALES, Ignasi. Presentes Y Futuros. La arquitetura en las ciudades. Catálogo da exposição realizada no XIX Congresso da UIA, Barcelona, 1996
- ⁴⁵ NORBERG-SCHULZ, Christian. The Phenomenon of Place (1974). In: NESBITT, Kate. *Theorizing a New Agenda for Architecture: An Anthology of Architectural Theory – 1965-1995*. New York: Princeton Archit. Press, 1996. p. 412-428